

# NOVO JORNAL CABO de VERDE

ÓRGÃO DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Composto e impresso na Imprensa Nacional

## Editorial

A SEDE DE INFORMAÇÃO é mais uma aquisição revolucionária do povo africano de Cabo Verde. Os inimigos do povo de Cabo Verde sabem isso perfeitamente e não se têm poupado a esforços para contrariar tudo o que tem sido feito neste sector durante os poucos meses de implantação aberta do PAIGC em Cabo Verde.

Allás, esses inimigos de Cabo Verde, seja qual for a forma ou o lugar onde actuem, não inventaram nada de novo: desde que o mundo é mundo o boato e a confusão nunca serviram nenhum povo.

E não é também por acaso que todas as revoluções até agora feitas, sejam elas profundas modificações sociais a favor de um povo ou simples golpes de Estado, tiveram sempre a preocupação de ter nas mãos essa arma eficaz e perigosa ao mesmo tempo.

Como todas as armas, a arma da informação dispara contra quem a viramos. Não sendo uma arma de metal mas uma arma de ideias, é a deturpação dos factos, a mentira descarada e repetida que significa que ela está virada contra o povo.

Relembremos como coisa distante, embora não passem muitos meses que essas vozes se calaram, a propaganda colonialista dizendo que nenhum dos povos das colónias portuguesas de África queria a Independência.

É grande, portanto, a responsabilidade dos órgãos de informação de Cabo Verde quando são chamados a dar o seu contributo para a Reconstrução Nacional. E em vésperas da PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL, importa definir as tarefas prioritárias a levar a cabo e organizar da melhor maneira os poucos meios de que dispomos para os esforços individuais de todos aqueles que trabalham neste sector, como em todos os outros, allás, não se desperdiçem pelas brechas da descoordenação.

Todos os que colaborem neste sector fundamental (e não serão só os profissionais, mas todos os militantes e todo o povo) nunca se podem esquecer que falam e escrevem para o povo, que a informação é do povo.

Mas escrever e falar para o povo é vago. Escrever ou falar para alguém é fazer do que lhe interessa ou, melhor, falar ou escrever de tal modo que um assunto que até então não lhe tinha interessado desperte a sua atenção.

Não podem esquecer os que colaboram com a INFORMAÇÃO que a maioria do nosso povo foi negada a leitura, o conhecimento de outras terras e de outras experiências sociais.

Não podem esquecer que o conhecimento por todo o povo das iniciativas revolucionárias tomadas em cada sector, em cada tchada ou aldeia, tem ao mesmo tempo o valor de um estímulo, de um ensinamento e, sobretudo de um cimento da Consciência Nacional.

A meta de revolução guiada pelo PAIGC, que podemos definir como PAO, CULTURA E INDEPENDÊNCIA NACIONAL, vem sendo atingida passo a passo desde o desencadear da luta e não podemos dizer que cada uma dessas três facetas possa ser conseguida sem a outra. Podemos, sim, dizer que as armas mais eficazes utilizadas pelo PAIGC foram as escolas de ramos entrelaçados espalhadas pelas tabancas das zonas libertadas da irmã Guiné-Bissau, foram a cultura e as palavras de ordem levadas até cada combatente pelas ondas de RÁDIO LIBERTAÇÃO.

## VIVA A INDEPENDÊNCIA DE CABO VERDE

E pronto. Chegamos, assim, ao fim do pesadelo. Chegamos, assim, ao fim desta tortura sem nome, sem descrição possível, pois não é possível dar nome a um pesadelo de cinco séculos. Que caminhada! Os fantasmas que nos acompanharam neste subir a pulso para a nossa independência, nesta conquista da nossa dignidade! Com amor e raiva, desespero e luta, lágrimas de não-poder-fazer-nada e lágrimas de-agora-é-que-é. Tudo misturado, nesta nossa maneira de ir para a frente. Cabo-verdianamente. Com a resistência da cabra e da babosa.

Com a resistência da pedra. Mais do que isso, realmente, só nós, povo de Cabo Verde.

Desde o princípio, a recusa pura e simples de aceitar mordidas. Mas, que fazer? Como fazer? Flagelados do vento-leste, tivemos que aprender. E depressa. «O mar transmitiu-nos a sua perseverança/Aprendemos com o vento a bailar na desgraça/As cabras ensinaram-nos a comer pedra para de-não-poder-fazer-nada não proçermos». Assim mesmo. E que mestres tivemos! Mestres que nos ensinaram «a ressuscitar todos os anos/para desespero dos que nos impedem a caminhada». E por isso

fomos para a frente. Como podia ser de outro modo, perdido que foi o medo às estiagens, «porque descobrimos a origem das coisas»? Só faltava podermos fazer.

E agora podemos. Já não temos que esperar nada, silenciosamente, nem esperar «das esquinas do tempo» liberdades imaginárias. Porque vamos construí-las. Com os corações cheios de estrelas. Estrelas verdadeiras, porque inventadas e vivas, desde sempre. E as nossas madrugadas serão da cor que entendermos e não

(Conclui na 4.ª pág.)

## COMUNICADO DO CONSELHO SUPERIOR DA LUTA

Terminou no dia 25 de Junho a reunião do Conselho Superior da Luta, que decorreu em Bissau.

O tema principal que ocupou os membros do Organismo dirigente máximo do nosso Partido foi a Independência

de Cabo Verde.

A importância de que se reveste este documento leva-nos, ainda que com algum atraso, a transcrevê-lo integralmente:

No dia 5 de Julho próximo, no termo de longos anos de uma luta heróica conduzida sob

a bandeira gloriosa do nosso Partido, o nosso povo de Cabo Verde vai tomar nas suas mãos o seu próprio destino, proclamando, através de uma Assembleia Nacional livremente eleita, a República de Cabo Verde.

O acesso do nosso povo de Cabo Verde à plena soberania interna e internacional é o coroamento dos esforços dos melhores filhos das nossas terras que, nas condições duras da luta armada e nas não menos difíceis da luta clandestina, não olharam a sacrifícios para levar avante a realização do alto ideal inspirado ao nosso povo pelo Fundador e Militante n.º 1, AMILCAR CABRAL, e consagrado no Programa do nosso Partido: a libertação total, pela conquista da independência política e pela criação dos Estados Soberanos da Guiné e Cabo Verde. Ele vem igualmente confirmar a justiça da conclusão da análise genial feita pelo Militante n.º 1, que constituiu o fundamento da criação do nosso Partido como organização de luta para a nossa total libertação: a de que a unidade, que corresponde aos anseios profundos das massas guineenses e caboverdianas e se alimenta da seiva de uma História comum era a única via capaz de conduzir à realização das legítimas aspirações do nosso povo, na Guiné e em Cabo Verde, à In-

Continua na 4.ª pág.

## COMUNICADO FINAL DO GOVERNO DE TRANSIÇÃO

Com a proclamação solene da Independência e a transferência total e definitiva da soberania do Estado para o povo de Cabo Verde, cessam amanhã, dia 5 de Julho, as funções do Governo de Transição, nascido do Acordo de 1974 celebrado entre o Governo Português e o PAIGC.

Nesta data impar nas Histórias de Cabo Verde e Portugal, o Governo de Transição reunido pela última vez nesta cidade da Praia, deseja prestar sincera homenagem ao povo destas ilhas pelo apoio verdadeiramente entusiasta que sempre lhe dispensou.

Rende igualmente sincera homenagem ao PAIGC, que tão fielmente soube encarnar o verdadeiro sentir e os autênticos interesses de Cabo Verde, afirmando sempre a sua amizade para com o povo português e o MFA. O Governo

de Transição tem a consciência que não deixou tarefa fácil ao Governo que o substitui, embora se tenha empenhado inteiramente em encontrar soluções para os inúmeros problemas deste Estado, utilizando os meios ao seu alcance.

Ao terminar o seu mandato, o Governo de Transição afirma antecipadamente a sua total confiança no Governo livremente eleito pelo povo e exprime a sua convicção de que este continuará a ser conduzido nos sentidos do reforço dos laços de solidariedade com o povo português e da participação activa na construção dum mundo melhor.

## JURAMENTO DE BANDEIRA DAS F. A. R. P.

Ver na Página - 2

# DISCURSO PROFERIDO PELO CAMARADA PEDRO PIRES NO JURAMENTO DE BANDEIRA DAS F.A.R.P.

Teve lugar no passado dia 28, no Estádio da Várzea, a cerimónia do Juramento de Bandeira da primeira incorporação das nossas Forças Armadas Revolucionárias do Povo.

Estiveram presentes os representantes do Governo de Transição do Estado de Cabo Verde, nomeadamente S. Ex.º o Alto-Comissário, os responsáveis das FARP e os dirigentes do PAIGC.

Na ocasião o camarada Pedro Pires, pronunciou um discurso, que pela sua importância transcrevemos na íntegra:

Sr. Alto-Comissário, Srs. membros do Governo de Transição de Cabo Verde, camaradas, membros das FARP, membros da CNCV, camaradas e compatriotas:

Camaradas, de facto o dia de hoje é para nós um dia muito importante, mas é para nós também um grande dia porque é uma só vez na vida que factos como este acontecem, isto é, na nossa vida como povo é a primeira e será a última vez que os soldados da nossa Terra, aqueles que se preparam para defender a nossa independência vão prestar juramento. Para mim, pessoalmente, é também um grande dia porque estou a ver na prática a realização dos objectivos pelos quais lutei, aos quais dediquei toda a minha vida.

Mas, camaradas, se o dia é grande, ele é também de responsabilidade porque independência significa responsabilidade. Responsabilidade porque vamos tomar nas nossas mãos o nosso destino e, se cometemos erros, nós é que seremos os responsáveis e, se as coisas forem bem feitas, seremos igualmente responsáveis. Por isso é preciso que tenhamos conhecimento de todas as nossas limitações e possibilidades.

Mas eu queria falar antes de tudo sobre as FARP e não abordar outros aspectos políticos.

Camaradas, as nossas forças armadas denominam-se FARP e este nome não foi escolhido ao acaso. Há nele duas palavras que têm um significado especial: Revolução e Povo.

Se nós somos membros das Forças Armadas Revolucionárias do Povo temos que ser fiéis à Revolução. Revolução significa transformar a realidade social que existe na nossa Terra numa outra mais justa. «Do Povo» significa que se está ao serviço do Povo e essa é a principal utilidade das FARP.

Mas as Forças Armadas são também uma organização especial de pessoas fardadas, com armas, com disciplina, que tem de fazer certos movimentos e cumprir certos deveres. Para que um grupo de homens constitua uma força armada tem que ter certas características especiais, das quais não podem fugir porque não somos os primeiros a constituir uma força armada. Existe toda uma tradição de força armada, existe toda uma tradição de exército, existe toda uma tradição de organização.

Portanto, nós não trazemos nada de novo, não estamos a inventar nada, temos que seguir os princípios que regem qualquer força armada! Nós sabemos que os princípios que regem uma força armada são a sua disciplina, a sua organização, a sua disciplina de consciência e não disciplina de medo, mas disciplina sempre!

Se não houver disciplina podemos considerar que há um bando de homens que podem fazer o que lhes apetece, mas não são uma força armada.

Uma Força Armada tem que ter capacidade técnica, isto é,

tem que saber utilizar as armas que tem na mão. Porque se for só um corpo de homens com armas que não sabe utilizar, não são uma Força Armada: são qualquer outra coisa — homens com armas nas mãos, por exemplo — mas nunca Força Armada. Portanto, todo o membro das nossas FARP tem de saber, tem de se esforçar por saber utilizar correctamente e tirar o melhor resultado da arma que trás nas mãos.

Uma Força Armada tem que ter capacidade combativa, quer dizer, nunca pode ser um grupo de homens que sabe simplesmente marchar bem, fazer a continência bem, fazer bem tudo o resto menos enfrentar um inimigo.

É importante que as nossas Forças Armadas tenham capacidade combativa, senão serão apenas uma força de parada, um exército de arconos mas nunca um exército popular e revolucionário.

Por isso, camaradas, diante de vós está o dever de pensarem em trabalhar para virem a ser de facto as FARP. Se não adquirirdes estas três características fundamentais, não podereis corresponder àquilo que o nosso povo espera de vós. É importante que compreendam isso!

Há outra coisa: tomastes um nome — FARP que tem uma tradição de luta, que não começou hoje com este juramento de bandeira. Elas começaram há mais de dez anos quando foram fundadas as FARP pelo nosso camarada Amílcar Cabral no 1.º Congresso do PAIGC, em 1964. Foi essa a altura em que foi dada ordem para a criação das FARP. As FARP têm uma tradição de princípios.

Se quisermos honrar as FARP temos que honrar a sua tradição e seguir o seu exemplo porque, de contrário, não seremos dignos de usar esse nome. O dever do soldado é fazer com que a sua Força Armada avance, se aperfeiçoe. Só assim podemos compreender a revolução, no sentido de melhorar tudo, todos os dias, no sentido de trabalhar para atingir o ponto mais alto da nossa vida. Portanto, estas F.A. têm uma tradição de camaradagem, têm uma tradição de luta pelo nosso povo e de fidelidade ao nosso povo. Não temos nada a inventar; o nosso dever é seguir esse exemplo, respeitar e honrar essa tradição.

Porque, camaradas, nós não medimos um revolucionário pelo cabelo comprido, nem pelas roupas sujas nem pela bandalheira. As nossas F.A. têm que ter disciplina, têm que ter sprumo, têm que ter porte. Nós não compreendemos uma F.A. de bandalheira! Só compreendemos uma F.A. de disciplina e aí é que está a revolução. Queremos que isto fique claro e nós, como responsáveis do Partido e como um dos primeiros responsáveis destas FARP, exigimos o cumprimento desta tradição!

Mas dentro das FARP há uma outra tradição, isto é, como é que elas funcionam internamente, quais são as relações entre camaradas dentro das FARP? Elas não podem nunca ser relações de grupinhos, não podem ser relações de amiguismo, de compadrismo, não podem ser relações de esconder os erros dos companheiros. Temos sim, dentro das FARP, de ter relações de camaradagem, de crítica e autocrítica. Se quisermos avançar, temos que criticar todos os erros e não os esconder seja a quem for. É fundamental que compreendamos o que significa amizade revolucionária para não a confundir com amiguismo cujo objectivo é criar no nosso meio a tendência para esconder os erros e impedir que quem os comete seja castigado. As únicas pessoas que podem criticar para que avancemos somos nós mes-

mos, logo temos de criticar, porque só criticando podemos corrigir os nossos erros.

Essas são as verdadeiras relações de camaradagem!

Camaradas, dissermos que estamos a defender os interesses do povo, mas quem é o povo? Povo não é um conceito abstracto — povo é cada um de nós. Portanto, quem não souber ser amigo e camarada do seu companheiro, quem não souber isto não pode defender o povo. Se povo é cada um de nós, o amor ao povo temos que demonstrá-lo através da camaradagem com aqueles que estão junto de nós. O soldado das FARP tem que ser camarada do seu companheiro, tem o dever de fortalecer as relações de camaradagem revolucionária dentro das FARP.

Na ordem interna das FARP tem de haver, camaradas, relações entre responsáveis e soldados. Estas relações têm de ser relações de respeito, de camaradagem e compreensão. Nós consideramos que um chefe tem valor quando chega a um lugar e é factor de mobilização, de entusiasmo e não de medo. Não podemos ter medo. Nós podemos ter medo uns dos outros. O que deve é haver respeito. Sem respeito não podemos progredir.

Mas, camarada, tens uma arma na mão e tens que saber o que fazer dela, contra quem utilizá-la. Quem tem a força tem sempre tendência para abusar dela, utilizá-la como lhe apetece. Mas, quem é revolucionário como nós, quem é militante do nosso Partido, sobretudo quem é militante do nosso Partido, como dizia o Camarada Cabral, nunca pode utilizar a arma para satisfazer os seus interesses pessoais ou quaisquer das suas manias. Essa arma deve ser utilizada para servir os interesses do povo. Portanto, as nossas armas não podem servir-nos para abusar de quem quer que seja; temos que ter sentido de justiça porque o objectivo fundamental da nossa Revolução, da nossa luta, é o Homem. Quem pensar que pode utilizar a sua arma, o prestígio do nosso Partido (que foi conquistado através da luta, com sacrifício e sangue) para satisfazer as suas manias ou defender os seus interesses pessoais, ou mesmo para se mostrar importante, está enganado. Nós não podemos aceitar isso. É fundamental que compreendamos isso e que todos os militantes do nosso Partido compreendam bem que as armas do Partido, o prestígio do Partido não se utilizam para abusos nem para cometer qualquer acto contra os direitos naturais do homem. Toda a gente deve ter isto bem presente, porque não o admitimos e quem o fizer será castigado, julgado segundo a tradição de luta do nosso Partido.

Nós nesta terra, devemos garantir o cumprimento da justiça. Nesta terra não haverá jamais justiça pessoal. A justiça será feita pela respectiva organização. Isto que fique bem claro na consciência de todos e aqueles que pensam que pode acontecer o contrário, dizemos que é impossível.

Tem que haver nesta terra disciplina e respeito pela Direcção do Partido; a nossa organização terá que ser respeitada. Que ninguém pense utilizar o Partido para seu serviço pessoal. Que isso fique bem claro! Se alguém tentar fazer isso, será castigado, dizemo-lo publicamente.

Que todos compreendam bem: aqui não há chantagem.

Durante a nossa luta fomos capazes de combater, fomos capazes de sacrifícios, fomos capazes de opor a nossa capacidade, a nossa certeza, a acção do nosso povo contra todas as

forças que foram utilizadas contra nós. Portanto, não é possível que qualquer grupo ou grupinho pense fazer o que lhe apetece porque nós atuaremos com firmeza. Não é um grupinho qualquer de parvos que vem agora estabelecer leis, criar uma falsa solidariedade, estragar o prestígio do nosso Partido, desviar os objectivos da nossa luta, mudar os nossos métodos de trabalho e acção. Que fique bem claro — Nós atuaremos desde já para que isso não aconteça nenhuma tentativa.

Camaradas, na nossa luta há uma tradição de comportamento das nossas Forças Armadas nas suas relações com o Povo. Nós lutamos para defender o Povo, logo, para demonstrarmos que estamos de facto ao lado do Povo, o nosso comportamento e as nossas relações com o Povo têm que ser as melhores possíveis. O nosso Povo não pode, de maneira nenhuma, ter medo das FARP, ou, pior ainda, dos militantes do nosso Partido. Se, de facto, estamos a trabalhar para defender os interesses do Povo, ele deve de ter confiança em nós, não ter medo de nós. Se amedrontamos com o nosso comportamento errado, é claro para toda a gente que não servimos o interesse do nosso Povo. Portanto, que as nossas armas, que as nossas fardas, o nosso nome de militantes do PAIGC não sirvam para amedrontar o povo, não sirvam para oprimir o povo ou para atingir os nossos interesses pessoais e satisfazer a nossas manias. Estas FARP têm uma tradição: quem abusar, quem utilizar as armas e o prestígio do nosso Partido para abusar do povo e atingir objectivos pessoais é castigado (castigo revolucionário para transformar o homem).

Camaradas, um revolucionário a sério, um combatente a sério, um militante a sério do PAIGC, não pode ter medo de ser castigado, porque ele tem confiança em nós, ele sabe que nós fazemos justiça revolucionária para reeducar o homem. Quem comete erros e busca maneira de os esconder ou procura alguém que o ajude a escondê-los, não é um revolucionário a sério porque tem medo de assumir a sua responsabilidade. Um revolucionário, alguém que luta de facto para o povo não pode ter medo de perante todos, assumir a responsabilidade dos seus erros. Quem procede diferentemente, para nós não é um revolucionário — é qualquer outra coisa que passe pela sua cabeça, mas nunca um revolucionário. Devemos compreender que em qualquer Força Armada, em qualquer organização, em qualquer estado há sempre castigos, e todos os que cometem erros devem estar preparados para o aceitar.

Camaradas, façam um esforço grande para aumentar os vossos conhecimentos militares. Ser militar é dedicar-se a uma ciência. Nisso temos que seguir toda a tradição da luta, toda a tradição dos exércitos revolucionários, toda a tradição da prática revolucionária.

É preciso que os camaradas compreendam que um exército revolucionário não serve só para ser exército. Um exército revolucionário tem que participar em tudo o que o povo faz. Na nossa terra ele tem que participar na produção, ele tem que dar a sua contribuição em todos os aspectos da nossa vida.

Mas, sobretudo, as nossas FARP têm que procurar cultivar-se para avançar. Isto é possível com muito estudo, sacrifício e prática revolucionária.

Portanto desejamos que os camaradas sejam capazes de cumprir os seus deveres militares mas, antes de mais, que

sejam capazes de cumprir os seus deveres de patriotas, de militantes do nosso Partido, de caboverdianos conscientes para que possamos fazer progredir a nossa terra.

Camaradas, nós não vivemos sozinhos no mundo. Há inúmeras pessoas que estão conosco, isto é, demonstraram a sua solidariedade em relação a nós.

Nós devemos neste momento prestar homenagem particular, como militares, aos militares portugueses, membros das Forças Armadas que foram capazes de organizar em Portugal uma Revolução e avançar com essa Revolução. Fizaram um grande sacrifício e deram uma grande contribuição para o avanço do Povo Português. Devemos reconhecer-lo, os militares portugueses membros do MFA deram uma contribuição importante, política, material e moral para atingirmos este momento. Portanto, devemos de prestar uma homenagem sincera a essa gente através dos militares aqui presentes. Devemos reafirmar a nossa solidariedade com o MFA português e com o Conselho Superior da Revolução que é o órgão supremo que dirige todos os passos importantes na construção de um Portugal novo.

Camaradas, nós temos nome da FARP. É o mesmo nome que existe na República da Guiné-Bissau. Nós somos membros da mesma Organização e temos que, como militares, trabalhar e exigir trabalho para o reforço da nossa Unidade e para a compreensão da nossa solidariedade. Isto é um dever de cada um de nós, membro das FARP.

Camaradas, nós fomos solidários com os Movimentos de Libertação das colónias portuguesas quando ainda colónias portuguesas. Moçambique é hoje independente. Nós somos solidários com o povo de Moçambique na sua luta para a transformação da sua luta pela justiça, na sua luta pela felicidade do povo de Moçambique.

Nós somos solidários com o povo de Angola. Nós somos solidários em especial com as pessoas que lutam pela verdadeira independência de Angola, para que o povo de Angola tenha direito às suas riquezas. Embora o nosso Partido não intervenha nos problemas de Angola, a nossa solidariedade vai para aqueles que sempre foram solidários conosco na nossa luta de libertação nacional e nos momentos de dificuldades nos prestaram a sua ajuda material e moral. Isto é, em Angola somos particularmente solidários com o MPLA.

Nós também somos solidários com todos os Movimentos de Libertação de África que ainda não encontraram a melhor via para atingir a independência, para a liquidação da discriminação racial e da injustiça social.

Nós somos enfim solidários com todos os povos da África e com todos os povos do mundo que lutam pelo progresso da humanidade e para que entre os homens não haja relações de exploração. Estes são os nossos aliados naturais. Portanto, camaradas, fazemos parte de um grande Movimento para a libertação do homem e devemos de agir tendo em conta isso mesmo.

Para terminar, camaradas, gritemos vivas.

- Viva as nossas FARP!
- Viva Cabo Verde Independente!
- Viva o PAIGC!
- Viva o Movimento das Forças Armadas Portuguesas!
- Viva o PAIGC!

# COMÍCIO EM SANTA CATARINA COMUNICADO DO GOVERNO DE TRANSIÇÃO

— Com a participação de mais de 300 pessoas, realizou-se, no passado dia 29, domingo, em Santa Catarina, o último comício da campanha eleitoral deste círculo. Consideramos este comício duas vezes importante, tanto pelo conteúdo da intervenção do camarada Pedro Pires, como pela presença honrosa e militante dos camaradas Nino Vieira, membro do Secretariado Permanente do Comité Executivo de Luta, Presidente da Assembleia Nacional e Comissário de Esado das Forças Armadas, na República Irmã da Guiné-Bissau; Lúcio Soares, Chefe do Estado-Maior das FARP; Júlio Carvalho, Comissário Político das FARP e membro do Conselho Superior de Luta, além de outros camaradas que, segundo as palavras de Pedro Pires, aluzaram na frente da Guiné, debaixo da bandeira do PAIGC, bandeira de Unidade e Luta, camaradas que deram uma contribuição enorme à luta de libertação na Guiné, e consequentemente, à luta de libertação de Cabo Verde.

— Depois da apresentação dos heróicos combatentes, militantemente apoiados, o camarada Pedro Pires, candidato a Deputado por Santa Catarina, analisou alguns dos principais aspectos ligados à eleição da Assembleia Nacional, nomeadamente, o significado especial desta eleição e o carácter completamente novo do poder que irá a ser constituído, baseado na discussão e confiança poder-povo. Para isso, frisou, será absolutamente necessária a participação do povo e o poder a ser formado se identifica com o facto, com os interesses e aspirações deste povo, constituído, na sua maioria, por camponeses. Explicou ainda a neces-

sidade da valorização da nossa agricultura, e o conteúdo da ocupação de terras cujos proprietários residem em Lisboa. Referiu-se igualmente à necessidade de desenvolvimento da nossa produção, à necessidade de solidariedade nacional, bem como às responsabilidades de todos os militantes, deputados e futuros ministros, neste momento histórico que atravessamos, perante o povo de Cabo Verde.

— Seguidamente, o camarada Pedro Pires, focou algumas questões que, dada a sua pertinência, transcrevemos quase na íntegra: «... É preciso que estejamos unidos na compreensão da nossa realidade. Mas há determinadas pessoas convencidas de que, depois da independência, cada um fará o melhor que entender. Isto é absolutamente impossível. A ordem e a disciplina terão que existir. Disciplina não significa oprimir, não significa maltratar ou meter medo, mas sim que compreendemos a nossa realidade e as nossas necessidades e que devemos seguir o caminho mais correcto. Só seremos capazes de construir o nosso futuro se seguirmos com disciplina. Não faz sentido que, depois da independência, cada um venha a fazer o que lhe der na cabeça, que desapareça todo o sentido do respeito entre nós. Lutamos para a formação dum homem novo e as relações humanas terão que ser baseadas no respeito mútuo. Só assim compreendemos a INDEPENDÊNCIA. Independência e liberdade mas na disciplina e no respeito, que serão exigidos a cada HOMEM e a cada MULHER da nossa TERRA. É necessário compreender que a nossa independência é uma responsabilidade grande e que, se neste mo-

men, o, há tendência para cu'par os colonialistas de tudo quanto acontece, a partir de 3 de Julho, todos os erros que cometermos serão nossos erros. A situação em que ficamos é realmente miserável, mas nós que tomamos a nossa TERRA, não podemos ficar todo o tempo a dar desculpas. Temos que trabalhar, tirar da cabeça que quem mandar trabalhar é fascista, e comenstrarmos-nos de que, se quisermos avançar, não podemos entrar para o trabalho às 9 horas em vez de fazê-lo às 8, ou de, nas horas de trabalho, ler romances políticos.

— A situação difícil em que nos encontramos não se coaduna, de maneira nenhuma, com o querer ganhar muito dinheiro, acumular lucros ou inventar mais e mais subsídios. Antes pelo contrário, teremos que adoptar uma política de austeridade, isto é, fazer sacrifícios, irmos apenas com o necessário.

— E se, em certa medida, nos custa pedir a alguém que ganhe 30\$ por dia, que trabalhe mais, não hesitaremos em exigir, dos que ganham mais, uma maior contribuição para o desenvolvimento económico da nossa terra.

— Teremos que avançar, organizarmo-nos, e teremos, sobretudo, que respeitar as leis... e para isso haverá o único poder, que irá do Governo, e que terá que ser seguido por todos.

— A terminar a sua intervenção, o camarada Pedro Pires, debruçou-se sobre a extraordinária importância do pensamento e da obra do glorioso camarada Amílcar Cabral, que fez de nós homens e mulheres revolucionários, e ao qual devemos a nossa vitória e a conquista da nossa dignidade.

No dia 30 de Junho de 1975 concretizou-se mais um passo decisivo na História de Cabo Verde, com a realização das primeiras eleições livres para a Assembleia Nacional que proclamará a Independência deste Estado.

A grande afluência às urnas e a ordem em que decorreram as operações eleitorais foram as notas dominantes de mais esta histórica jornada do Povo de Cabo Verde.

O Governo de Transição tem a consciência plena de que tais resultados que ultrapassaram as expectativas mais optimistas, deveram-se antes de mais à compreensão profunda que as massas populares tiveram do acto eleitoral, dos contínuos e abnegados esforços do PAIGC no sentido de que o processo eleitoral fosse amplamente democrático e à valiosa contribuição da Comissão Eleitoral de Cabo Verde.

A capacidade do Povo Cabo-

verdiano, que apesar da inexperiência eleitoral e do elevado índice de analfabetismo, soube interpretar fielmente a grandiosidade das eleições, ficou claramente demonstrada pela sua afluência às urnas para escolher pela primeira vez os seus legítimos representantes.

O Governo de Transição congratula-se profundamente com mais este importante e decisivo passo na senda da descolonização deste Arquipélago que sob todos os aspectos dignifica o Povo de Cabo Verde e enaltece as fraternais relações existentes entre ele, o Povo Português e respectivas vanguardias.

Os primeiros resultados já conhecidos permitem-nos, sem sombra de dúvidas afirmar que a primeira Assembleia de Cabo Verde foi livre e democraticamente eleita, o que será a principal garantia de que o destino deste Estado encontra-se verdadeiramente nas mãos do Povo destas Ilhas.

## MINISTÉRIO DA COORDENAÇÃO ECONÓMICA E TRABALHO

AVISO

Para assinalar a Independência de Cabo Verde de modo a transmitir a todo o mundo um testemunho da luta heroica do povo caboverdeano para a sua libertação nacional, o Governo de Cabo Verde mandou emitir as seguintes moedas, de curso legal, comemorativas:

Moeda em ouro de valor facial de 2 500\$00, tendo no anverso a efígie de Amílcar Cabral e no reverso as armas da República de Cabo Verde.

Moeda em prata de valor facial de 250\$00, tendo no anverso o Arquipélago e no reverso um atum.

Na impossibilidade técnica de pôr as referidas moedas em circulação no dia 3 de Julho e na

certeza de que todos quantos acompanharam o processo de descolonização de Cabo Verde gozariam de reservar desde já o direito a uma das moedas.

Comunica-se que se encontra aberta a inscrição para a sua aquisição nos seguintes locais:

- Agência do B.N.U. no Mindelo.
- Agência do B.N.U. na Praia.
- Agência do B.N.U. no Sal.

## COMUNICADO DO MFA AO POVO DE CABO VERDE

Em nome dos militares portugueses, o MFA em Cabo Verde expressa os seus votos de prosperidade, Paz e Justiça Social ao Povo Caboverdeano. Que este dia 5 de Julho seja o marco da verdadeira amizade entre os Povos de Cabo Verde e Portugal.

- Viva Cabo Verde Livre.
- Viva a República de Cabo Verde.

## AGRADECIMENTO

A Família de Pedro Resende Costa (Cida), na impossibilidade de o fazer pessoalmente vêm, por este meio profundamente reconhecida agradecer a 'o' as as pessoas que, pessoalmente, por cartas, cartões e telegramas, lhe apresentaram condolências ou a acompanharam na dor pelo passamento do extinto à sua última morada.

## Inspeção do Comércio Bancário

Aviso

Avizam-se todos os residentes neste Estado de que nos termos do Decreto-Lei n.º 173/72 não é permitida a compra e venda de notas e moedas estrangeiras incluindo as do Banco de Portugal, bem como cheques turísticos ou outros, (entre particulares), e qualquer acto respeitante às referidas operações deverá ser obrigatoriamente feito através das dependências do B.N.U.

Mais se avisa, de que nos termos do mesmo decreto, nenhum residente pode deter em seu poder moedas ou notas estrangeiras, ou do Banco de Portugal, sendo considerado transgressão deliberada e punido todo o procedimento em contrário. Inspeção do Comércio Bancário, na Praia, 24 de Junho de 1975.— O Inspector, José Maria Cardoso.

# PROGRAMA DAS SOLENDADES PARA A COMEMORAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DE CABO VERDE

Dia 4 de Julho:

16 00 horas — Reunião da Assembleia Nacional Popular, na Câmara Municipal.

21 00 horas — Mensagem de despedida ao povo de Cabo Verde pelo Al.º Comissário.

Dia 5 de Julho:

00 00 horas — Mensagem do Secretário-Geral do PAIGC ao Povo de Cabo Verde, transmitida pela Rádio «Voz de Povos e pela Rádio S. Vicente, funcionando em cadeia. (A transmissão da mensagem será precedida e seguida do Hino).

06 00 horas — Alvorada. Bandas de música percorrendo a cidade.

09 00 horas — Concentração das Forças Populares no Liceu «Domingos Ramos».

09 30 horas — Partida do desfile das Forças Armadas Populares para o Estádio da Varzea.

## NO ESTÁDIO DA VARZEA

09 00 às

10 45 horas — Entrada do público para os sectores que lhe são reservados.

10 00 horas — Chegada das Forças Armadas.

10 20 às

10 55 horas — Chegada das entidades oficiais.

11 00 horas — Entrada e desfile dos representantes das associações profissionais e culturais de Cabo Verde.

11 15 horas — Apresentação das delegações convidadas, por um camarada, em nome do PAIGC.

— Saudação pelo Secretário Geral do PAIGC.

— Cerimónia oficial de transferência total e definitiva da soberania.

— Depois da cerimónia no Estádio da Varzea o povo é convocado a concentra-se na Praça fronteira ao edifício da Câmara para tomar conhecimento do texto da Lei de Organização Política do Estado Soberano de Cabo Verde e da designação do Chefe do Estado (ou Presidente de um Conselho de Estado) e do Primeiro Ministro do Governo da República de Cabo Verde, assim como da composição do Governo.

— Discurso do Chefe do Estado (ou Presidente do Conselho de Estado).

— O Presidente e o Primeiro Ministro prestam juramento.

— Almoço com os chefes das delegações.

17 00 horas — O Chefe de Estado ou Presidente do Conselho de Estado recebe as delegações

convidadas.

18 00 horas — Sagrada Eucaristia na Igreja Matriz.

19 00 horas — Inauguração da Feira.

19 30 horas — Jantar volante na Feira e apresentação dos grupos culturais caboverdeanos.

21 00 horas — Abertura da Feira ao público.

— Início dos festejos populares nos Bairros da Praia.

Dia 6 de Julho:

— Excursões ao interior.

— Saída para S. Vicente.

Dia 7 de Julho:

EM S. VICENTE:

— Apresentação do Governo.

— Discurso programa do Primeiro Ministro.

— Festas populares em S. Vicente.

# BRAVO, CAMARADAS ESTUDANTES

Com a aproximação do dia 5 de Julho — o nosso dia maior — todos estamos empenhados na limpeza e no embelezamento da nossa cidade, o que é natural, pois não se proclama a independência todos os anos.

Acontece, porém, que por isto e por aquilo, nem sempre é possível à gente da limpeza dar conta da recado a tempo e horas. Precisam de ajuda, porque há muito que limpar e lavar.

Aqui é que entra o djunta mon, um dos seus aspectos, pelo menos.

Os camaradas estudantes (e eles e elas), vassouras e pás em punho, resolveram pura e simplesmente preencher o vácuo deixado pela falta de pessoal.

E é vê-los, madrugadinha, a varrer, limpar, preparar, a Praça Alexandre de Albuquerque, o nosso cartão de visita por assim dizer.

Sem descanso. Com a consciência de que trabalham no que é deles, no que é nosso. Milagres do PAIGC. Milagres da Independência.

Afinal, uma simples prova de consciência revolucionária, que só pode surpreender quem os não tenha visto já a prestar a sua ajuda noutros sectores e noutras horas, sempre que o interesse colectivo o exigiu.

São assim os nossos camaradas estudantes.

Bravo!

## AGRADECIMENTO

Joaquim Lobo, esposa e filhos vêm por este meio agradecer a todos quantos se dignaram acompanhá-los na sua dor aquando do passamento do irmão, cunhado e tio, Pedro de Sousa Lobo, ocorrido em Lisboa, em 21 de Maio de 1975.

# COMUNICADO DO C. S. L.

Conclusão da 1.ª pag.

dependência verdadeira, à Dignidade e ao Progresso.

Com a emergência próxima de Cabo Verde na comunidade internacional como nação independente e soberana, inicia-se uma nova fase da construção da união da Guiné e Cabo Verde, para a consolidação das conquistas revolucionárias da luta comum e para a edificação nas nossas terras de uma sociedade totalmente livre, justa e progressiva.

Inspirado pelos verdadeiros interesses das massas guineenses e caboverdianas e respondendo aos seus legítimos anseios, o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (P.A.I.G.C.) reafirma nesta hora a sua fidelidade total ao seu Programa, e a sua determinação de prosseguir, guiado pelo pensamento do Fundador e Militante n.º 1, na via de construção da união da Guiné e Cabo Verde, com total respeito pelo princípio da decisão livre, democrática e soberana das populações.

Na Guiné-Bissau, o nosso povo, através dos seus legítimos representantes na Assembleia Nacional Popular, proclamou perante o Mundo, e sem quaisquer equívocos, no acto da fundação da sua República, a 24 de Setembro de 1973, a sua opção pela União, a qual foi solenemente consagrada no Texto da Proclamação do Estado da Guiné-Bissau e na Constituição da República.

A Assembleia Nacional de Cabo Verde, que será democraticamente eleita no próximo dia 30 do corrente mês de Junho, vai decidir e exprimir livremente a vontade soberana do nosso povo da República de Cabo Verde sobre a questão fundamental da união com a República da Guiné-Bissau, para o prosseguimento, na comunhão de destinos que se enraíza no passado de luta e de História comum e que se esforçará no futuro, no trabalho de construção da Felicidade, da Prosperidade, da Justiça e da Paz nas nossas terras.

Depois desta deliberação histórica da Assembleia Nacional de Cabo Verde, poderá ela eleger, em momento oportuno, uma comissão que, com comissão cónjuge da Assembleia Nacional Popular da República da Guiné-Bissau, integrará imediatamente um Conselho de Unidade da Guiné e Cabo Verde, ao qual caberá a missão de elaborar um projecto de Constituição da Associação dos dois Estados, a

ser submetido às respectivas Assembleias Soberanas.

Em vésperas da data histórica de 5 de Julho de 1975, em que vai nascer, como flor dos sacrifícios de suor e de sangue do nosso povo glorioso, a República de Cabo Verde, o Conselho Superior da Luta do P.A.I.G.C., interpretando a vontade inequívoca de todos os seus militantes das nossas terras e do exterior, apela para todos os Estados, Governos, organizações e organismos internacionais para que:

1. Reconheçam *ad e jure* desde o momento histórico da sua proclamação pela Assembleia Nacional, no próximo dia 5 de Julho, a República de Cabo Verde, cuja independência é um passo decisivo no caminho da construção da União da Guiné-Bissau e Cabo Verde;
2. Dêem uma ajuda material concreta e substancial, em especial nos domínios financeiro, do abastecimento em géneros de primeira necessidade e técnico à República de Cabo Verde, cujo acesso à independência ocorre no termo de longos séculos de desenfreada exploração colonialista e de abandono total das suas populações, e de perto de uma dezena de anos de seca contínua, que deixaram o Arquipélago numa situação económica e social catastrófica, tragicamente caracterizada pela ameaça actual e real da fome.

O CSL do P.A.I.G.C. apela igualmente para o patriotismo de todos os cidadãos caboverdianos que, fugindo à opressão e à miséria, procuraram condições de vida e de trabalho decentes no estrangeiro, para que se mobilizem no esforço de salvação nacional, contribuindo, por todos os meios, para o sucesso da luta que agora se prossegue em condições de liberdade e de dignidade para a construção de um Cabo Verde novo, próspero e feliz, para todos os seus filhos.

Viva a República de Cabo Verde!

Viva a Unidade da Guiné e Cabo Verde!

Glória eterna à memória de AMILCAR CABRAL, Fundador e Militante n.º 1 do nosso Partido!

Viva o P.A.I.G.C., Força, Luz e Guia do nosso povo, na Guiné e Cabo Verde!

Bissau, 25 de Junho de 1975.

# VIVA A INDEPENDÊNCIA DE CABO VERDE

(Conclusão da 1.ª pag.)

forçosamente azul. E ouviremos certamente «risos e cantos nos lábios das madrugadas». Porque queremos. E podemos. Agora.

Vamos apagar das nossas paisagens as «árvores/de ramos arreganhados/a pingueiro suor e lágrimas» e a «terra calcinada/até à exaustão da angústia». O nosso espanto bloqueado começa a não o ser. Já não o é. Porque sabemos.

Continuaremos a trazer dentro de nós todos os mares do mundo, porque é essa a nossa natureza. Nascermos todos na ponta-de-praia. Habitados a sentir na boca «o sabor a algas e a espuma».

E sabermos evitar as passaradas. E para isso que serve o chão. Para nele enterrarmos as mãos, convulsas ou não, e não irmos em conversas.

Já lá vai o tempo que esperávamos nosso amanhã «no acordar de cada manhã». O pesadelo acabou. Já não são brinquedos de luxo nossos sonhos de liberdade. A partir do 5 de Julho, «é já a gargalhada dos homens livres/a derramar-se/por todos os cantos da terra». Soltas as âncoras e soltos os barcos, há que recolher. Na constância e no amor do mar. A estrela não nos escorrerá dos dedos, porque conhecemos o caminho que leva ao porto. Já estamos a percorrê-lo. Para que não haja «tanta garganta ressequida/no meio de tanta água».

E haverá nas nossas vozes o desafio de quem zomba da morte.

Não queremos mais paisagens para-além-do-desespero. Queremos ver as nossas crianças rir «uma boca de criança foi feita para rir». É que já não há distância a separar-nos do sonho impossível. A desesperança virou certeza. Foi atravessada a noite de punhais.

Oh, sim, sabemos, sabemos! Há aquela nódoa, aquela tristeza, aquela noite de S. Tomé. No caminho percorrido. A fazer-nos tropeçar. Noite de S. Tomé na noite mais longa, colonial. Aquele caminho longe, aquele queixume. «Caminho obrigado/caminho trilhado/nos braços da fome» O desespero da roça, os passos perdidos, a mentira do contrato. E também o erguer de cabeça para que «os sonhos não sejam escarnecidos». A morna, o poema a soluçar, perdurou. É o que interessa. Pertence ao mundo dos homens. A culpa, a traição, deixamos-las para «os outros», os que perderam a condição humana. A saúde ausente, longe a alegria, que é da cratcheu?, as lágrimas correram, não poucas vezes, cara abaixo. Sem vergonha. Com o violão a colaborar. Até que o choro acabou. O choro de lágrimas-sem-remédio, para ficar a ser

de esperança no regresso da terra-longe. E foi assim que teimámos em e conseguimos ver para além da praia. Para Cabo Verde. Para matar a morte. Nós, o povo que partia para a morte, matámos a morte e regressámos. As lágrimas de sangue dos nossos poetas confundiram-se com as lágrimas de alegria de todos nós, do povo todo. Serviço é meio gente, dizem «os outros», os não-homens. Caboverdiano é meio gente. Africano é meio gente. Avisámo-los, não nos ligaram importância. Brandiram o chicote, meteram-nos em prisões, de mil maneiras humilharam-nos. «Não nos venham dizer/depois que não vos avisámos». E já não dizem. Não dirão. A lira quebrada é agora tangida (vai ser, está a ser) por dedos novos. A estrela recendeu-se. A noite de S. Tomé é já história.

Spí Cabverde da argui/crecheu/spí bó corpe ta arri. Aqui o corpo de Cabo Verde e o corpo das nossas mulheres é um só. «Da'l bó corpe ta arri». Comunhão. É assim a independência. «E nos coração ta arri».

A hora já não está a chegar. Chegou. Por mais longas que sejam as estradas a percorrer, serão curtas demais para os nossos pés de agora. Porque o nosso amor e a nossa certeza não têm limites. Abrimos os braços, definitivamente, à independência.

Corpos rodeados de espadas, cansaço. Não foi fácil vencer as facas e os punhais. Mas desde há muito, desde sempre, o nosso espírito perdera o medo à morte. Que a morte era a companheira de todos os dias. Não haverá mais na nossa terra «ribeiras de dor e raiva a correr para o mar». O grito de Independência, um só grito nas nossas dez gargantas, somos agora nós mesmos, com o destino nas nossas mãos. Vamos participar do destino do mundo. Amor, luta, esperança, serão sempre as constantes do nosso ser.

O apelo à luta vinha de todos os lados. Mas veio sempre do mar. Nas vozes que vêm do mar. Deste mar que soube (sabe) ser tudo, até soldado valente para nos defender. Preparados nós para tudo, felizmente as ondas não terão perfume de metralha. As metamorfoses não o exigem agora. Os meninos-sem-nome terão nome na «pátria do meio do mar».

De tanto exigimos «a madrugada/que não falhas», vamos tê-la ali, ao estender das mãos. A 5 de Julho. E depois o «mar sem sal/para as nossas terras com sedes e, finalmente, nós mesmos, renovados, «na terra renovada pela nossa luta».

Sempre soubemos que viria uma «manhã destruidora de arames farpados», de «searas libertas invioláveis cantando

no coração do povo». Um Cabo Verde verdejante.

Sujar as bocas que nos rhamavam nomes feios, partir os chicotes da nossa desgraça, viver depois de mortos por não querermos ser escravos. Luta de todos os dias. Esperança de toda a hora. Virar a nossa terra noutra terra. Agora vamos virá-la. Já começámos. Já não perguntamos para quem é a riqueza da terra. Sabemos.

Da independência, da libertação, também os dias de desânimo, coisa natural, em que pedíamos aos joelhos para não dobrarem sem que chegassem a hora. Os sobressaltos dos nossos corações. As dores de cabeça de tanto pensar na liberdade. Sem tempo, tantas vezes: para o amor. Quando os pássaros da morte esombriavam as auroras. Quando parecia ousadia respirar e sonhar. Tempo de cadáveres a fingir de vivos, de «barrigas fartas de misérias», de «meninos arrebatados em esquinas alucinadas». Passageiros, felizmente. E não podia ser de outro modo. Os nossos olhos bem abertos, vigilantes, não nos deixam adormecer por muito tempo. «Volúpia de construir o futuro/na conquista dia a dia do presente». Pagámos o bilhete, dor e sangue, para entrar na Independência, no sol da nossa liberdade. Pagámos. Por isso, vamos proibir certas coisas, por exemplo: cantar a morte nas ruas, não ter rosas vermelhas no coração, ter olhos sem pássaros dentro, não viver como homens livres, etc., etc.

Um dia de lágrimas. De outro tipo. Lágrimas de depois-do-último-combate. A porta do «reino encharcado de sol/a razão crioula da nossa luta». Sem razão já para qualquer espécie de medos. Temos «o sonho na palma da mão». Com gestos para o acariciar e «olhos para o deslumbramento».

Contaremos um dia às crianças como, desesperadamente, «estendíamos as mãos por sobre o mar», empenhados na unidade que forja as vitórias. Com gestos para o acariciar e pela esperança, deu lugar à certeza. Como, para cantar, foi preciso primeiro sangrar.

E o grito que percorreu Cabo Verde, de Santanton tã Dja Braba, PAIGC. E o que significava (o que significa). «Vitória contra a morte, vitória contra a fome, vitória contra esta vida de estrelas apagadas».

Já explode na noite o riso dos camaradas. Estrelas vermelhas das nossas noites. A partir do dia 5 de Julho, dia 1.º da liberdade. O tempo de bloqueio acabou. E vamos construir o nosso último poema, o nosso poema verdadeiro: «nossa terra a cantar para sempre seu canto de liberdade, um poema de canto no ritmo da independência».

A partir de Julho, 5 de Julho. Dia da nossa Independência.

## AS ELEIÇÕES PARA A ASSEMBLEIA NACIONAL POPULAR DE CABO VERDE

Hoje, às 16 horas, realizou-se a reunião da Assembleia Nacional Popular, na Câmara Municipal.

Amanhã, depois das cerimónias no Estádio da Várzea, o povo é convidado a concentrar-se na Praça fronteira à Câmara para

tomar conhecimento do texto da Lei da Organização Política do Estado Soberano de Cabo Verde e da designação do Chefe de Estado (ou Presidente de um Conselho de Estado) e do Primeiro Ministro do Governo da República.

RESULTADO FINAL DAS ELEIÇÕES

| Ilhas       | Números   |          |         | Porcentagens |          |       |
|-------------|-----------|----------|---------|--------------|----------|-------|
|             | Inscritos | Votantes | Válidos | Participação | Positiva |       |
| Santiago    | 51 761    | 46 794   | 44 722  | 2 072        | 90,40    | 95,57 |
| Santo Antão | 16 485    | 15 090   | 14 434  | 665          | 91,59    | 95,59 |
| S. Vicente  | 18 400    | 15 963   | 15 562  | 401          | 86,75    | 97,48 |
| Fogo        | 13 671    | 11 906   | 11 540  | 366          | 87,08    | 96,92 |
| S. Nicolau  | 5 557     | 4 784    | 4 419   | 365          | 86,08    | 92,37 |
| Brava       | 3 414     | 1 951    | 1 935   | 16           | 57,14    | 99,17 |
| Maió        | 1 420     | 1 270    | 977     | 302          | 90,07    | 76,38 |
| Sal         | 2 456     | 2 216    | 2 159   | 57           | 90,22    | 97,42 |
| Boa Vista   | 1 519     | 1 334    | 1 197   | 137          | 87,82    | 89,73 |
| Média Geral | 114 683   | 101 326  | 96 945  | 4 381        | 88,35    | 95,67 |